

DAS PALAVRAS DE CRISTO ÀS VIRTUDES CRISTÃS: UM DIÁLOGO ENTRE MATEUS E TIAGO

Adenilton Tavares de Aguiar¹

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise da carta universal de Tiago e do evangelho de Mateus, estabelecendo um diálogo entre estas duas tradições textuais. Tal diálogo discorre sobre as virtudes cristãs, conforme podem ser apreendidas a partir dos ensinamentos de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo. Ensinamentos de Jesus. Virtudes Cristãs

ABSTRACT

This paper introduces an analysis of the universal epistle of St. James and the Gospel of Matthew, by establishing a dialogue between these two textual traditions. This dialogue deals with the Christian virtues, as can be learned from the teachings of Jesus.

KEYWORDS: Dialogue. Teachings of Jesus. Christian Virtues.

INTRODUÇÃO

A carta universal de Tiago e o evangelho de Mateus apresentam uma intrínseca correspondência no que concerne às alusões a ensinamentos

¹ Professor de Línguas Bíblicas e Novo Testamento no SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino, mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, bacharel em Teologia pelo SALT-IAENE e licenciado em Letras Vernáculas pela UEPB – Universidade Estadual da Paraíba. Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, BR 101, KM 197 - Cx. Postal 18 – Capoeiruçu – Cachoeira – BA – Brasil – CEP 44300-000 – Tel. (75) 3425 8318, <adeniltonaguiar@yahoo.com.br>.

ministrados por Jesus durante sua vida na Terra. No caso de Tiago, em alguns momentos as referências a algumas declarações de Jesus são tão próximas da narrativa de Mateus, que seria o caso de dizer que se trata de textos sinônimos; em outros, conquanto não haja uma correspondência direta, observa-se que o princípio defendido é o mesmo. A própria expressão “a palavra em vós enxertada” em Tg 1:21: “Por isso, rejeitando toda a imundícia e superfluidade de malícia, recebi com mansidão a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas” – demonstra que Tiago está falando para uma comunidade eclesial que está familiarizada com os ensinamentos de Jesus².

Chama-se atenção o fato de que há um percentual elevado de correspondência entre Tiago e a perícopes que vai de Mt 5:1 a Mt 7:28-29, uma vez que mais da metade do material de Tiago analisado neste artigo está em correlação com esta seção do evangelho, a qual traz a narrativa do “discurso do monte”, ou “o sermão da montanha³.” Um trecho muito conhecido desse discurso diz respeito ao relato das bem-aventuranças. É fácil notar que Tiago pretende destacar as virtudes cristãs que se podem aprender a partir desse sermão, os quais foram percebidas por diversos eruditos.⁴

Não se pretendeu desenvolver um trabalho exaustivo, de modo que alguns pares de textos (e.g., Mt 12:39/Tg 4:4; Mt 7:7-8/Tg 4:2-3; Mt 4:11/Tg 4:7), embora tenham apresentado traços de afliência entre si, foram deixados de lado, tendo em vista a compreensão de que no cerne deles

² Diversos autores defendem esta posição. Para citar apenas alguns: (ROPES, 1916, p. 172; MARTIN, 2002, p. 49; RICHARDSON, 2001, p. 93).

³ A delimitação da perícopes torna-se clara a partir dos seguintes fragmentos: “E JESUS, vendo a multidão, subiu a um **monte**, e, assentando-se, aproximaram-se dele os seus discípulos” – Mt 5:1; “E aconteceu que, **concluindo Jesus este discurso**, a multidão se admirou da sua doutrina; Porquanto os ensinava como tendo autoridade; e não como os escribas.” Mt 7:28-29.

⁴ A fim de verificar alguns comentários sobre as virtudes cristãs destacadas nesta perícopes de Mateus, ver Carter (2000, p. 128-198); Davies & Allison (2004, p. 442-467); Sloman, Westcott & Hort (1912, p. 85-94); Gardner (1991, p. 88-141); Hendriksen (1973, p. 256-383).

se encontra a discussão de um tema já contemplado por outros pares de textos que serão analisados.

Enfim, serão avaliadas doze virtudes cristãs, com base nas informações encontradas na carta universal de Tiago e no evangelho de Mateus, partindo do pressuposto de que estas duas tradições textuais dialogam entre si, no que diz respeito às referências feitas aos ensinamentos de Jesus.

FÉ

Mateus 21:22 ⁵	Tiago 1:5
E, tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis.	E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e o não lança em rosto, e ser-lhe-á dada.

A correspondência entre os dois textos é facilmente percebida ao compararmos *o que pedirdes na oração a peça-a a Deus; e recebereis a ser-lhe-á dada*. Embora Mills (1997), no seu comentário à carta de Tiago, aponte a *sabedoria* como um dos cinco princípios cristãos identificados na perícopa 1:2-20, há algo mais profundo no texto: a relação entre a oração e a fé, bem como a indissociabilidade destes dois elementos.

Em Tg 1:5, a preocupação do autor consiste apenas em mostrar que a sabedoria é o meio eficaz para enfrentar as provas mencionadas nos versos anteriores. O clímax do verso, no entanto, encontra-se na expressão *peça-a a Deus*. Uma vez que a conjunção condicional *se* não implica a possibilidade de haver alguém que não precise de sabedoria – ao contrário, todos precisam –, a sua presença enfatiza a sentença seguinte: *peça-a a Deus*. Assim, se todos precisam de sabedoria, todos devem pedi-la. E se há uma condição expressa, não é a de sentir falta para pedir, mas de pedir para receber. Esta é a condição colocada por Mateus 21: 22 – “tudo

⁵ Todas as citações bíblicas neste artigo vêm da Almeida Corrigida Fiel – ACF. Qualquer uso de outra versão ocorrerá somente sob indicação.

o que pedirdes na *oração* [...] receberéis”. O inverso disso é igualmente verdadeiro: “tudo o que *não* pedirdes na *oração não* receberéis”.

Ambos os autores destacam a ideia de que se por um lado a fé é um bem indispensável, por outro, a dúvida é um mal a ser evitado. Tiago⁶ expressa este pensamento a partir da exortação: “Peça-a [sabedoria], porém, com **fé, em nada duvidando**; porque o que duvida é semelhante à onda do **mar**, que é levada pelo vento, e lançada de uma para outra parte.” – Tg 1:6; enquanto Mateus⁷ destaca as palavras de Jesus: “Em verdade vos digo que, se tiverdes **fé e não duvidardes**, não só fareis o que foi feito à figueira, mas até se a este monte disserdes: Ergue-te, e precipita-te no **mar**⁸, assim será feito.” Mateus 21:21. Enquanto Tiago salienta a informação de que o que duvida é “semelhante à onda do mar”, Mateus demonstra que o que tem fé diz ao monte: “ergue-te, e precipita-te no mar”. As informações são complementares.

As orações adjetivas “que é levada pelo vento” e “lançada de uma para outra parte” (Tg 1:6) as quais qualificam a expressão “onda do mar”, vêm, respectivamente, dos participios ἀνεμιζομένω e ῥιπιζομένω. Martin (2002, p. 19) comenta que esses participios “são aliterativos e rítmicos, sugerindo uma impressionante descrição de uma repentina tempestade no Lago da Galileia”, oferecendo um quadro da “instabilidade humana”. Ao introduzir o elemento “dúvida” Mateus e Tiago enaltecem o elemento “fé”, uma vez que, como diria Paul Tounier, “onde já não há qualquer oportunidade de dúvida, também já não há qualquer oportunidade de fé” (apud Yancey, 2004, p.218). Martin aponta, ainda, para a possibilidade de que Tiago esteja se referindo à experiência de Pedro, relatada em Mateus 14:28-32. De fato, em última instância, a narrativa de Mateus apresenta o “navrágio” de Pedro como resultado do seu ato de duvidar. Assim,

⁶ O presente artigo não tem por objetivo tecer uma discussão a respeito da autoria do livro. De modo que o autor será chamado sempre de Tiago, sem haver necessariamente uma preocupação quanto a quem seja o Tiago, o autor da carta.

⁷ O mesmo comentário acima se aplica à autoria do livro de Mateus.

⁸ Grifos acrescentados.

ambas as tradições textuais apelam para o fato de que a fé é uma virtude cristã essencial que pode ser aprimorada a partir da prática da oração, e que, paradoxalmente, só é possível a partir da possibilidade da dúvida.

PACIÊNCIA

Mateus 5:10	Tiago 1:12
Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.	Bem-aventurado o homem que suporta a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.

Comentando o texto de Tiago 1:12, Davids (1982, p. 79) observa o uso pleonástico do termo “homem” (ἄνθρωπος). Conquanto, conforme é mencionado por Davids (op. cit., p. 79), Tiago esteja citando a LXX, ele poderia arbitrar entre utilizar ou não tal termo. As opções disponíveis vão desde a omissão de ἄνθρωπος⁹ ao uso de outra palavra mais comum como ἄνθρωπος, conforme expressa Moo (2000, p. 70): “este é quase um exemplo no qual Tiago usa a palavra como equivalente de ἄνθρωπος”. Assim, a ênfase consiste simplesmente no fato de a palavra estar lá, e aponta para a realidade de que o homem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de sua bem-aventurança, uma vez que ele age ao suportar a tentação bem como recebe um benefício pelo fato de suportá-la. Logicamente, se existe a necessidade de declarar que “o homem que suporta a tentação” é um homem feliz, é porque tal homem poderia ser considerado um desafortunado tanto por si mesmo quanto por outros. Assim, a declaração do autor se apresenta como uma forma de corrigir este ponto de vista.

⁹ Mesmo omitindo a palavra ἄνθρωπος, o texto manteria o mesmo sentido, com a diferença da ausência de ênfase na pessoa que desfruta da felicidade mencionada, em face de “suportar a tentação”.

A partir do quadro abaixo, pode-se ver mais claramente a correspondência entre os textos de Tiago e Mateus.

Mateus 5:10 ¹⁰	Tiago 1:12
Bem-aventurados	Bem-aventurado
	O homem
Os que sofrem perseguição	Que suporta a tentação
	quando for provado
Porque deles é o reino dos céus	Porque receberá a coroa da vida
	a qual o Senhor tem prometido aos que o amam.

Ropes (1916, p. 150) observa que *quando for provado*¹¹ é outra forma de dizer *suporta a tentação*. Dessa forma, observa-se a perfeita sinonímia entre os pares: “Bem-aventurados” / “bem-aventurado o homem”; “os que sofrem perseguição” / “que suporta a tentação, quando for provado” e “porque deles é o reino dos céus” / “porque receberá a coroa da vida”. Quanto à expressão “a qual o Senhor tem prometido aos que o amam”, nota-se que ela é apenas uma descrição da “coroa da vida”. É pertinente, a esta altura, o comentário de Davies (2004, p. 460) sobre a repetição da promessa “porque deles é o reino dos céus”, a qual aparece na primeira bem-aventurança em Mateus 5:3 – “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Para Davies, isto indica que todas as promessas das bem-aventuranças são formas diferentes de dizer a mesma coisa: “deles é o reino dos céus”.

A palavra grega que Tiago utiliza para o verbo *suporta* é ὑπομένει, da mesma raiz do substantivo ὑπομονή, usada por Paulo em Rm 5:3 – “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas

¹⁰ Doravante, em todas as tabelas demonstrativas de sinonímia, a coluna da esquerda conterá o texto de Mateus e a da direita, o texto de Tiago. Desse modo, aparecerá, apenas, a indicação de capítulo e versículo(s).

¹¹ Com base em Liddell & Scott (1996, p. 442), “aprovado”, “testado” são palavras que traduzem melhor a palavra grega δόκιμος.

tribulações; sabendo que a tribulação produz a paciência (ὕπομονή).” As palavras de Jesus registradas em Mateus 5:10 remetem a este tipo de experiência e virtude cristãs. Seguindo uma ordem lógica de raciocínio, é possível dizer que a tribulação (nas palavras de Jesus e Tiago, “sofrer perseguição” e “suportar a tentação”) produz a paciência, a qual, por sua vez, produz uma bem-aventurança, ou uma sensação de bem-estar, que nos chega, a despeito de tudo. Uma paciência como esta, nas palavras de Barclay (apud YANCEY, 2004, p. 163) “não é apenas a capacidade de suportar uma coisa difícil, mas de torná-la em glória”.

ALTRUISMO

Mateus 7:24,26	Tiago 1:23
Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha; ²⁶ E aquele que ouve estas minhas palavras, e não as cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia;	Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor , é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural;
Mateus 25:36	Tiago 1:27
Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me ; estive na prisão, e fostes ver-me.	A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.

Mais uma vez, não é difícil perceber a relação entre Tiago e Mateus; no entanto é possível torná-la ainda mais clara, colocando as palavras lado a lado, no quadro a seguir:

Todo aquele – v. 24	Se alguém ¹²
E aquele – v. 26	
Pois – v. 24	Porque

¹² A comparação feita aqui é entre Mateus 7:24 e 26 e Tiago 1:23.

Escuta estas minhas palavras – v. 24	É ouvinte da palavra
Ouve estas minhas palavras – v. 26	
Assemelhá-lo-ei – v. 24	É semelhante
Compará-lo-ei – v. 26	
Ao homem insensato – v. 26	Ao homem
Que edificou a sua casa sobre a rocha – v. 26	Que contempla ao espelho o seu rosto natural.

Segundo Mills (1997, disponível em Logos Bible Software), a perícopes de Tiago 1:23-25 amplia e ilustra o que Tiago vinha falando sobre o “ouvir” e o “cumprir”. Para ele, no coração da seção, está uma espécie de parábola, a qual relembra o estilo das histórias de Jesus encontradas nos evangelhos sinóticos: “o reino dos céus será semelhante a [...]. Mills acrescenta que a linguagem de Tiago é traçada a partir da parábola do semeador, registrada em Mateus 13, em que a semente é a palavra e o solo, os ouvintes.

Porém, mais especificamente, como se pôde ver no quadro acima, a correspondência de Tiago 1:23 se dá com as palavras de Jesus registradas em Mateus 7. No entanto, a intenção do autor, conforme bem percebeu Davids (1982, p. 103), é salientar “dois elementos de verdadeira piedade que ilustram o cumprimento da Palavra. [...] O primeiro é ‘visitar os órfãos e as viúvas’ e o segundo [...] é ‘guardar-se da corrupção do mundo’”. Esses elementos só vão aparecer em 1:27. Temos, aqui, portanto, o clímax da perícopes. Tiago demonstra que a verdadeira religião é muito mais que uma mera profissão de fé: ela diz respeito a uma vida prática, de utilidade ao próximo. Portanto, cumprir a palavra, no pensamento de Tiago, é cuidar dos interesses e necessidades dos mais frágeis.

O verbo traduzido por “visitar”, tanto em Tiago 1:27 quanto em Mateus 25:36, vem de ἐπισκέπτομαι, que possui a mesma raiz do substantivo ἐπίσκοπος, o qual, no Novo Testamento, significa *bispo*, podendo significar também *guardião*, *protetor*, *vigia*, *pastor* (FRIBERG

et al., 2000, p. 167) . Assim, o verbo *visitar* indica mais que um movimento em direção à casa de alguém, ἐπισκέπτεσθαι é *cuidar de*. Obviamente, *órfãos* e *viúvas* devem ser compreendidos como uma representação dos indivíduos mais carentes da comunidade; nesse caso, a verdadeira religião é ajudar a quem mais precisa. Como se sabe, esta não é uma tarefa que se faz uma vez perdida: é algo que se repete cotidianamente; e isto requer desprendimento, abnegação e interesse pelo próximo, emoções que comumente resumimos na palavra *altruísmo*. No capítulo 1:25, Tiago acrescenta que o homem que age assim será “bem-aventurado no seu feito”, uma linguagem que relembra mais uma vez as bem-aventuranças.

Para Dibelius e Greeven (1976, p. 123), ao escrever o que está registrado em 1:27, Tiago “pode ter sido fortemente influenciado pelas declarações de Jesus transmitidas dentro da igreja”. De fato, tais palavras de Tiago estão em consonância com a declaração de Jesus registrada por Mateus: “Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e fostes ver-me”. Logicamente, à semelhança dos órfãos e das viúvas em Tiago, o nu, o doente e o preso são apenas uma representação das camadas mais fragilizadas.

Para finalizar esta seção, resta comentar que Mateus 7:24, 26 não pode ser visto como uma ponte para Mateus 25:36, como acontece com Tiago 1:23 e 1:27. A própria distância entre as duas passagens exclui a possibilidade de que isto seja um fato. O objetivo foi (1) mostrar a correspondência entre Tiago 1:23 e Mateus 7:24, 26; (2) tornar evidente a estratégia de Tiago ao construir o argumento de que ser praticante da palavra é cuidar do órfão e da viúva; (3) ressaltar que o órfão, a viúva (Tiago 1:27), o nu, o doente e o preso (Mateus 25:36) são apenas uma representação daqueles que precisam da nossa máxima atenção, em face de suas necessidades especiais.

AMOR

Mateus 22:37-39	Tiago 2:8
E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. ³⁸ Este é o primeiro e grande mandamento. ³⁹ E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.	Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: Amarás a teu próximo como a ti mesmo, bem fazeis.
Mateus 5:21-22a	Tiago 4:2a
Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. ²² Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo;	Cobiçais, e nada tendes; matais, e sois invejosos, e nada podeis alcançar;

Em Tiago 2:5, o autor toca, ainda que indiretamente, na questão do amor a Deus: “Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?”. Porém, no verso 8, não poderia ser mais direta a maneira como ele trata do tema do amor ao próximo (PORTER, 2003, p. 31). À exceção de uma breve modificação, a citação de Tiago é igual à de Jesus, em Mt 22:39 – “amarás o teu próximo¹³ como a ti mesmo”. A diferença reside na expressão sobresselente no texto de Tiago: “bem fazeis”. Tal expressão não deve, entretanto, surpreender o leitor mais atento de Tiago, tendo em vista que ela vai apenas corroborar com a discussão que ele vem desenvolvendo, desde o primeiro capítulo, sobre a necessidade de que seus leitores sejam não apenas ouvintes, mas cumpridores da palavra. O termo “fazeis” é a tradução da forma verbal ποιείτε, que tem a mesma raiz da palavra ποιητής (cumpridor, fazedor). Esta palavra aparece em Tg 1:23 – “Porque, se alguém é ouvinte da

¹³ Hughes (1991, p. 99) comenta que “na parábola do bom samaritano, Jesus expandiu a definição de próximo, para significar que cada necessidade humana é uma oportunidade de ajudar que Deus nos dá”. Contudo, como essa parábola não está registrada em Mateus, torna-se irrelevante para este trabalho.

palavra, e não **cumpridor**, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural”, e em 1:25 – “Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas **fazedor**¹⁴ da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito”. Amar o próximo, portanto, é *cumprir a palavra e fazer a obra*, daí a razão de Tiago dizer: “fazeis bem”.

Algo bastante visível, comentado por diversos eruditos¹⁵ e que tem a ver com a fonte da qual tanto Tiago quanto Jesus¹⁶ tiraram a citação da expressão “amarás a teu próximo como a ti mesmo”, é introduzido por Chouinard (1997, disponível em Logos Bible Software) da seguinte forma: “vinculado ao primeiro mandamento está um mandamento igualmente importante, retirado de Lv 19:18”.

Para uma melhor compreensão do significado da expressão “amarás o teu próximo”, faz-se necessário o comentário abaixo:

O contexto de Lv 19:11-18 é importante. Ele trata dos mandamentos éticos fundamentais de Deus em relação ao próximo, bem como em relação a quem é socialmente frágil ou a um oponente na corte da lei. Traçando um paralelo com “amarás” estão: Não furtarás, não usarás de falsidade, não mentirás, não jurarás falsamente, não defraudarás, não amaldiçoarás, não farás injustiça no juízo, não difamarás, não odiarás. Lv 19:34 acrescenta: não violarás os direitos do estrangeiro. A história da interpretação judaica aponta na mesma direção. “Amar” significa um comportamento prático e uma solidariedade segundo os mandamentos que Deus deu à comunidade de Israel. (LUZ, 2005, p. 83).

Deste modo, como se pode ver a partir do comentário acima, “amar

¹⁴ Grifos acrescentados.

¹⁵ KEENER, C. S. **Matthew**. In: OSBORNE, G. R. (Ed). The IVP New Testament Commentary Series. Downers Grove: Intervarsity Press, 1997, disponível em Logos Bible Software; HINDSON, E. E. & KROLL, W. M. (Eds). **KJV bible commentary**. Nashville: Thomas Nelson, 1997, disponível em Logos Bible Software; BARTON, B. B., et al. **Matthew**. In: OSBORNE, G. & COMFORT, P. (Eds). Life Application Bible Commentary. Wheaton: Tyndale House Publishers, 1996, p. 443, entre outros.

¹⁶ Jesus aparece citando a expressão “amarás o teu próximo” três vezes no livro de Mateus (5:43, 19:19 e 22:39). A razão de se escolher 22:39 diz respeito ao fato de que, nessa passagem, há uma menção à fonte: “Este é o primeiro e grande mandamento. É o segundo, semelhante a este, é [...]” – Lv 19:18. Outro dado interessante, e que poderia ser analisado em outro trabalho, em face da delimitação deste, tem a ver com o uso que Paulo faz dessa mesma expressão, em Rm 13:9 e Gl 5:14.

o próximo” implica uma série de coisas que não devem ser feitas contra ele. É a partir desta perspectiva que se decidiu incluir nesta seção do artigo as passagens registradas em Tg 4:2a e Mt 5:21-22a. A expressão “matais”, em Tg 4:2a – “Cobiçais, e nada tendes; matais, e sois invejosos, e nada podeis alcançar”, pode parecer uma hipérbole caso não seja comparada a Mt 5:21-22a. Esta passagem esclarece o sentido de “matais”, ao fazermos uma comparação entre duas informações aqui registradas: (1) qualquer que matar **será réu de juízo** e (2) qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, **será réu de juízo**. Observa-se que *qualquer que matar* está para *qualquer que, sem motivo, se encolerizar*. Desse modo, pode-se inferir que, assim como um homem ao olhar para uma mulher com olhar impuro, para usar as palavras de Jesus, “já em seu coração cometeu adultério com ela”, assim, também, quando um homem se encoleriza contra seu irmão, sem motivo, está cometendo homicídio.

O ódio é a própria antítese do amor. Para o ódio, o próprio antídoto é o amor. Daí a recomendação: “amarás o teu próximo”, em Levítico, em Tiago e em Mateus.

MISERICÓRDIA

Mateus 5:7	Tiago 2:13
Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia	Porque o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia; e a misericórdia triunfa do juízo.

A partir da reflexão de Carter (2000, p. 134) sobre Mt 5, podemos facilmente perceber uma convergência de tema entre Mt 5:7 e Tg 2:13:

É prometido aos misericordiosos que eles alcançarão misericórdia. A maioria dos intérpretes acertadamente sugerem que o futuro passivo e os proeminentes cenários escatológicos em 5:3-6 indicam uma promessa de misericórdia no **juízo**¹⁷ vindouro.

Ambos os textos relembram uma máxima da sabedoria popular:

¹⁷ Grifo acrescentado.

“faça aos outros aquilo que você quer que os outros lhe façam”: ambos pressupõem que todos precisamos de misericórdia. Os misericordiosos só podem demonstrar misericórdia porque há pessoas ao seu redor, diariamente, que precisam dela. Não é preciso ir muito longe a fim de que encontremos gente carente de atos de bondade. Contudo, ser misericordioso é mais do que simplesmente manifestar atos de bondade: a misericórdia perpassa pela tolerância, pela indulgência, pelo perdão. Assim, ser misericordioso é manifestar bondade a quem, em primeira instância, não a merece. Nesse sentido, misericórdia é favor imérito: misericórdia é graça!

Por outro lado, Tiago fala de misericórdia tendo um juízo vindouro em perspectiva. Com base no pensamento acima de Carter, o mesmo se pode dizer de Mateus. Nas entrelinhas, podemos encontrar duas mensagens emergentes: uma de advertência e outra de esperança. A advertência diz respeito ao fato de que se, de acordo com as palavras de Jesus em Mateus, os misericordiosos alcançarão misericórdia, o inverso também é verdadeiro: os não misericordiosos não alcançarão misericórdia. Por sua vez, a fala de Tiago é explícita: “o juízo será sem misericórdia sobre aquele que não fez misericórdia”. A expressão “fez misericórdia” lembra-nos o fato de que *misericórdia* não é algo que *se sente* ou *se tem*; *misericórdia* é algo que *se faz*. Tiago não perderia a oportunidade de enfatizar o caráter prático da religião.

Mas a mensagem de esperança é tão alvissareira o quanto a de advertência é nefasta: “a misericórdia triunfa do juízo”, são as palavras de Tiago; porém, ele apenas disse, com outras palavras, aquilo que Jesus já havia dito: “alcançarão misericórdia”.

AUTENTICIDADE

Mateus 7:21	Tiago 2:14
Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.	Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?
Mateus 5:16	Tiago 2:26
Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus.	Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.

Em Tg 2:14, o autor elabora uma questão utilizando uma fórmula retórica. O advérbio μή em μή δύναται ἡ πίστις σῶσαι αὐτόν; (Porventura a fé pode salvá-lo?) não requer tradução; está aí somente para exigir uma resposta negativa. Portanto, à pergunta: “a fé pode salvá-lo?” a resposta deve ser: “não, não pode!”. Assim, Tiago declara enfaticamente que a fé que não é demonstrada não é uma fé salvadora, e que não há benefício algum em alguém dizer que tem fé se a vida contradiz esta declaração. O autor faz um apelo à necessidade de que se tenha uma vida cristã autêntica, e, para tanto, evoca as palavras de Jesus, registradas em Mt 7:21 – “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”. O centro da questão para Tiago é que se alguém pensa ser religioso e ainda não mostra evidência da vida espiritual, então esta pessoa engana-se a si mesmo, e a sua religião é sem valor, visto que, para ele, uma religião prática não é uma opção na vida de quem diz ter fé, é a prova de que tem. O autor retorna à discussão do capítulo 1:22 – “E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos”, a fim de ratificar este princípio.

Durante seu ministério, Jesus demonstrou viver o princípio de que as ações falam mais alto que as palavras. Isto é claramente percebido em Lc 7:20-22:

²⁰ E, quando aqueles homens chegaram junto dele, disseram: João o Batista enviou-nos a perguntar-te: És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro? ²¹ E, na mesma hora, curou muitos de enfermidades, e males, e espíritos maus, e deu vista a muitos cegos. ²² Respondendo, então, Jesus, disse-lhes: Ide, e anunciai a João o que tendes visto e ouvido: que os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres anuncia-se o evangelho.

O uso das formas verbais *curou* e *deu vista* evidenciam esta praticidade. Em Mt 5:16, ele faz um apelo aos seus ouvintes para que vivam uma vida autêntica; para tanto, utiliza a metáfora da luz, que, nas palavras de Chouinard (1997, disponível em Logos Bible Software)

se torna mais clara pela referência a “uma cidade edificada sobre o monte” e “a candeia sobre o alqueire” (vv. 14-15). Ambas as ilustrações enfatizam que é natural à lâmpada brilhar e ser vista. É significativo que antes do imperativo (resplandeça a vossa luz), o indicativo (vós sois – vv. 13-14) provê o incentivo às testemunhas: “Os discípulos não estão sendo advertidos a completar a tarefa que os trará a um estado desejado, antes estão sendo advertidos a que sejam o que já são”.

Stulac (1993, disponível em Logos Bible Software) vê algo semelhante no texto de Tg 2:26, ao afirmar que “se fé sem ações é morta como um corpo sem espírito, então fé sem ações não é genuína, não é cristã, não é salvadora”. E, por que não acrescentar: “não é autêntica”? Stulac continua, dizendo que tal fé é “inexpressiva, inútil, impotente, inerte e impostora”.

Outra correspondência entre Mateus e Tiago quanto ao tema da autenticidade pode ser vista no quadro abaixo:

Mateus 5:34-37	Tiago 5:12
Eu, porém, vos digo que de maneira nenhuma jureis; nem pelo céu, porque é o trono de Deus; ³⁵ Nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés; nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande Rei; ³⁶ Nem jurarás pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. ³⁷ Seja , porém, o vosso falar: Sim, sim; Não, não; porque o que passa disto é de procedência maligna.	Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não, não; para que não caiais em condenação.
porém – v. 34	Mas
de maneira nenhuma jureis – v. 34	sobretudo não jureis
nem pelo céu , porque é o trono de Deus – v. 34	Nem pelo céu
Nem pela terra , porque é o escabelo de seus pés – v. 35	Nem pela terra
Nem por Jerusalém – v. 35	Nem façais qualquer outro juramento
Nem pela tua cabeça – v. 36	
Porém – v. 37	mas
Seja – v. 37	seja
O vosso falar – v. 37	A vossa palavra
Sim, sim – v. 37	Sim, sim
Não, não	Não, não
Porque o que passa disto é de procedência maligna. – v. 37	Para que não caiais em condenação.

Mateus está citando Tiago ou Tiago está citando Mateus? A resposta a esta pergunta escapa ao objetivo deste trabalho. Holloway (1996, disponível em Logos Bible Software) prefere dizer que “Tiago está citando Jesus”. Por ora, baste, apenas, perceber a estreita relação entre os dois textos, que mais parecem ser o mesmo texto.

Dibelius (1976, p. 248) atrai a nossa atenção para algo relacionado a Tiago 5:12. Segundo ele, “este verso não tem relação com a parte

anterior nem posterior”. O comentário de Dibelius diz respeito mais especificamente ao uso da expressão “sobretudo”. Uma vez que o verso está solto na perícopa, nós não sabemos, acrescenta ele, se tal palavra se originou a partir de outro contexto ou se o próprio Tiago a inseriu aqui. Talvez, se Dibelius tivesse percebido um pouco mais a correspondência entre Tiago e Mateus – ou, para dizer de uma maneira mais estrita, a maneira como Tiago cita as palavras de Jesus –, ele teria afirmado que tal palavra se originou de outro contexto sem se preocupar em apresentar a possibilidade de que Tiago simplesmente a tivesse inserido. Se Dibelius está correto¹⁸, é possível que Tiago tenha introduzido este verso apenas para lembrar um ensinamento de Jesus, o qual seria útil aos leitores do apóstolo. MacArthur (1998, p. 263) comenta que os juramentos se tornaram uma prática comum entre os judeus como uma forma de forçar os indivíduos a serem verdadeiros e a cumprirem suas promessas, porquanto haviam adquirido o hábito de jurar falsamente. Ele acrescenta que “isto se tornou um problema na igreja, particularmente para as congregações predominantemente judaicas para as quais Tiago escreveu” (MacARTHUR, 1998, p. 264), e não deixa de notar o fato de que Jesus também condenou esta prática.

EMPATIA

Mateus 25:42-43	Tiago 2:15-16
Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; ⁴³ Sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes.	¹⁵ E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento cotidiano, ¹⁶ E algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecái-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?

¹⁸ Certamente, há quem discorde da posição de Dibelius, a exemplo de Lange, Schaff e Mombert (2008, p. 137), ao afirmarem que “a ideia fundamental que conecta este verso com o v. 11 e o v.13 etc., é a diminuição do fanático excitamento que estava crescendo constantemente entre os judeus e ameaçando, através da influência de judaizantes, despojar as Igrejas cristãs judaicas de sua compostura.”

Mills (1997, disponível em Logos Bible Software) comenta que para que alguém aprecie a ilustração que Tiago usa nesses versos, é necessário lembrar que em 2:1-13 ele propõe a questão: “se você pensa estar salvo, a sua vida evidencia o amor que Cristo exige dos crentes?”. Ele acrescenta que algumas pessoas podem ser tentadas a responder esta questão tratando o amor puramente como emoção; mas Tiago, sempre prático, imediatamente descarta tal conceito, visto que a ilustração aponta para o fato de que o verdadeiro amor não se resume na expressão de sentimentos, mas na demonstração através de ações.

O primeiro ponto a observar é que a falta de roupa e alimento faz correspondência com Mt 25:35,36,42,43. A razão de se estabelecer uma comparação entre Tg 2:15-16 e Mt 25:42-43 (em detrimento dos versos 35 e 36) deve-se ao fato de que o grupo mencionado nos versos 35 e 36 de Mateus realiza as boas ações representadas pelos atos de *alimentar* a quem teve fome, *dar de beber* a quem teve sede, *vestir* a quem precisou de roupa e *visitar* os presos e os enfermos. Diferentemente deste, o grupo mencionado nas perícopes apresentadas no quadro acima deixa de fazer tais coisas, e por isso são advertidos, como deixa transparecer o contexto das duas passagens.

O grego de Tiago é bastante instrutivo, podendo lançar luz sobre esta discussão. A forma verbal *estiverem*, no verso 15, não deriva do verbo grego comumente usado para *estar* (εἶμί), mas de ὑπάρχω, cujo sentido mais profundo é *estar à disposição de*. Assim, essa passagem ensina que a pobreza e a necessidade do próximo são colocadas *à disposição* do cristão, e tornam-se uma oportunidade para que ele demonstre a compaixão de Jesus. Mills (1997, disponível em Logos Bible Software) observa que Tiago é irônico ao estabelecer um trocadilho a partir dos verbos ὑπάρχω no v. 15 e ὑπάγω (ir), no v. 16. A ironia consiste no fato de que ὑπάρχω aponta para uma oportunidade que se desdobra diante do cristão, conforme foi explicado acima, mas este, em vez de aproveitar tal

oportunidade, simplesmente diz: “Ide (ὑπάγετε¹⁹) em paz”. A propósito, esta expressão faz parte de um tríplice imperativo: “*Ide em paz, aquecei-vos, fartai-vos*”. Através destes imperativos, Tiago nos faz enxergar o ápice da indiferença: alguém diz ao necessitado que vá em paz, que se aqueça e que se farte. Mas como pode alguém fartar-se se não tem o que comer? E como pode aquecer-se se não tem o que vestir? E como pode ir em paz nessas circunstâncias? Em vez de comida e agasalho, os pobres recebem obras “frias” e palavras “quentes”.

Obviamente, o objetivo de Tiago, sobretudo ao evocar mais um ensinamento de Jesus, não é exacerbar a apatia, mas promover empatia. Nas palavras de Ferreira (2001, p. 258) empatia é a “tendência para sentir o que sentiria caso estivesse na situação e circunstâncias experimentadas por outra pessoa”, como se pode perceber na fala abaixo:

³⁷ Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? ³⁸ E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? ³⁹ E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? ⁴⁰ E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que **quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.**²⁰ Mateus 25:37-40.

A declaração de Jesus, no v. 40, revela que ele se identifica com a causa do faminto (v.37), do sedento (v.37), do estrangeiro (v. 38), do nu (v.38), do enfermo (v.39) e do aprisionado (v.39). Mas não apenas isto, os justos (v. 37) também são apresentados como aqueles que simpatizam com a necessidade alheia. Davies e Allison (2004, p. 427) relembram-nos de que o próprio Jesus, em duas ocasiões anteriores, alimentou a multidão (Mt14:13-21; 15:32-39). Assim, foi com ele que os justos aprenderam a se identificar com as necessidades dos outros. A diferença entre o grupo que demonstra empatia do grupo que se comporta com apatia (Tg 2:15-16; Mt 25:42-43) é enfatizada a partir da recompensa anunciada no v. 46:

¹⁹ ὑπάγετε é a segunda pessoa do plural do presente do imperativo ativo do verbo ὑπάγω.

²⁰ Grifos acrescentados.

“E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna”. Conforme comenta Barton (1996, p. 496), é importante lembrar que “a lista²¹ não é exaustiva; antes, representa todo tipo de boas obras. Esta parábola não está ensinando salvação pelas boas obras, mas a evidência da salvação através das boas obras”. Esta é a tese de Tiago.

BOA FÉ

Mateus 7:1-2	Tiago 4:11-12
NÃO julgueis, para que não sejais julgados. ² Porque com o juízo com que julgardes sereis julgados, e com a medida com que tiverdes medido vos hão de medir a vós.	¹¹ Irmãos, não faleis mal uns dos outros. Quem fala mal de um irmão, e julga a seu irmão, fala mal da lei, e julga a lei; e, se tu julgas a lei, já não és observador da lei, mas juiz. ¹² Há só um legislador que pode salvar e destruir. Tu, porém, quem és, que julgas a outrem?

Não se pretende aqui utilizar a expressão *boa fé* como um termo jurídico, nem tampouco tecer uma diferenciação entre uma *boa fé* subjetiva e uma *boa fé* objetiva. Embora Jesus e Tiago estejam usando metáforas do mundo jurídico, o cerne da questão diz respeito ao ato de aceitar as pessoas como elas são, mais do que isto: de recebê-las sem acalentar nenhuma espécie de pré-conceito. A ideia acima é confirmada por Barton (1996, p. 129) ao salientar que, se por um lado, a ordem de Jesus “não julgueis” não se refere a uma sala onde as intenções de alguém é medida segundo um código de ética, por outro, não isenta os cristãos da necessidade de tecer juízo em algumas situações. Hagner (2002, p. 169) ratifica este pensamento ao dizer que “a ordem $\mu\eta\ \kappa\rho\acute{\iota}\nu\epsilon\tau\epsilon$, literalmente, ‘não julgueis’, não deveria ser tomada como uma proibição de toda espécie de julgamento ou discernimento entre o certo e o errado”. Jesus,

²¹ O autor está se referindo à lista de boas obras apresentadas em Mateus 25:35-36.

por exemplo, falando aos discípulos, orienta-os a acautelar-se dos “falsos profetas”, e conclui: “pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7: 15-16). Ninguém consegue fazer isto sem praticar alguma espécie de julgamento. O verbo κρίνω, comumente traduzido como *julgar*, também significa *avaliar*, *examinar*, etc. Portanto, Jesus está advertindo aqueles que se deixam levar pelas aparências, que criam um conceito em relação a uma pessoa antes de avaliar, de examinar, a partir dos frutos.

A pessoa de boa fé age diversamente da pessoa preconceituosa. Ela forma um conceito em relação a alguém, somente após criteriosa avaliação. Seria o caso de dizer que a boa fé jamais acalenta pré-conceito, mas sempre nutre, por assim dizer, um pós-conceito, com base em dois princípios que, segundo Barton (1996, p. 129), são as “medidas de Deus”, i.e., amor e justiça. Por outro lado, a boa fé também não faz acepção de pessoas, não é parcial, não é seletiva no sentido de ter predileção por uns em detrimento de outros; a propósito, outra nuance da palavra grega κρίνω, traduzida como *julgar*, é *preferir*, e isto nos leva a Tiago 2:1-4:

MEUS irmãos, não tendes a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. ² Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com trajes preciosos, e entrar também algum pobre com sórdido traje, ³ E atentardes para o que traz o traje precioso, e lhe disserdes: Assenta-te tu aqui num lugar de honra, e disserdes ao pobre: Tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado, ⁴ Porventura não fizestes distinção entre vós mesmos, e não vos fizestes juizes de maus pensamentos?

Com base no texto acima, Mills (1997, disponível em Logos Bible Software) ressalta a necessidade de se evitar a escolha de relacionamentos com base, apenas, nas preferências pessoais. Para ele, a discriminação se apresenta também como uma forma de julgar da qual o cristão deve se esquivar. Possivelmente, esta é a razão de Tiago ter começado a discussão sobre a necessidade de evitar os julgamentos, a partir de uma advertência contra a acepção de pessoas (v.1). Ele toca novamente na questão da lei, para deixar claro que demonstramos agir de acordo com

ela, quando tratamos as pessoas indiscriminadamente. Este pensamento se torna evidente com a ilustração proposta em 2:2-4. Nessa ilustração, é-nos apresentado um homem usando um anel de ouro; não obstante, não é o anel que está em foco, mas o homem rico. Ele adentra o recinto trajando uma roupa luxuosa, que muito bem pode ser entendida como uma metonímia para aparência. Obviamente, as pessoas que procuram tal homem, fazem-no por interesse, e tal comportamento contrasta com o que Jesus disse: “buscai primeiro o reino de Deus e todas as outras coisas serão acrescentadas” (Mt 6:33). A ilustração finaliza com uma questão: “e não vos fizestes juízes de maus pensamentos (διαλογισμός)?”, a qual atribui um fechamento apoteótico à perícopie: alguns da audiência tornaram-se juízes, usurpando o papel reservado somente a Deus. Este é o conceito expresso em 4:12: “Há um só legislador”. A palavra διαλογισμός carrega a ideia de *pensamento* ou *opinião* e poderia também significar *decisão*, como um termo técnico num cenário legal. Segundo Mills (1997, disponível em Logos Bible Software), esta linguagem forense é consistente num contexto de uma igreja em ajuntamento, i.e., para decidir um caso judicial. As personagens da ilustração tornaram-se não apenas juízes, mas juízes de más decisões. No pensamento de Tiago, fazer acepção de pessoas é uma má decisão. Ele quer mostrar a importância de aceitar as pessoas como elas são – de esperar delas coisas boas, de não desenvolver qualquer espécie de preconceito –, visto que a situação do momento era justamente o inverso, conforme se pode observar nas palavras de Hanna (1993, p. 19): “a proibição no presente μή κρίνετε [não julgueis] se usa para proibir uma ação que já está ocorrendo: *deixem de julgar.*”

SENSIBILIDADE AO DEVER

Mateus 25:45	Tiago 4:17
Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim.	Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado.

Há uma intrínseca relação entre Tg 4:17 e Mt 25:45, quanto à denúncia ao pecado da omissão. Tiago está relembrando mais um ensinamento de Jesus patenteado em suas parábolas: o princípio de que falhar em fazer o bem é pecado. Na parábola do Bom Samaritano (Lucas 10), o levita e o sacerdote são reprovados por deixarem de fazer aquilo que eles, talvez mais do que o samaritano, sabiam ser correto; de igual modo, na parábola dos talentos (Mateus 25) é reprovado o servo que não administrou convenientemente os bens a ele confiados. Nas palavras de seu senhor, vê-se claramente a sua falta: “**mau e negligente** servo [...] **devias**²² então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com juros”. Mateus 25:26-27. Embora se possa inferir, a partir dessas parábolas, que Jesus está ensinando o princípio de que deixar de fazer o bem é pecado, é em Mateus 25:45 que ele toca mais diretamente nessa questão. (MILLS, 1997, disponível em Logos Bible Software).

A esta altura, é pertinente o comentário de Carro, Poe e Zorzoli (1997, p. 322): “Recordemos que todo o cap. 25 é particular a Mateus e que nos outros evangelhos não existe nada comparável, ou paralelo, com este conjunto de ensinamentos”. Neste capítulo, Mateus usa as palavras de Jesus com o objetivo de demonstrar que ele se identifica com os seus seguidores, e que aqueles que se identificam com ele e desfrutam de uma condição mais confortável devem ser sensíveis às necessidades dos *pequeninos*. Barton (2001, disponível em Logos Bible Software) observa que “o conceito de

²² Grifos acrescentados

serviço a Jesus através do serviço aos outros remonta a Pv 19:17". Talvez, Tiago não tivesse este texto em mente ao afirmar que deixar de praticar o bem é pecado, mas parece estar claro que em Tg 4:17 há uma referência a Mt 25:45. Esta opinião é reforçada pelo comentário de Martin (2002, p. 168) ao afirmar que “a maioria dos comentaristas concorda que este verso é uma máxima independente”, portanto Tiago está citando um pensamento comum, porém aplicando-o de maneira específica a partir das palavras de Jesus. Ou seja, não fazer “a um destes pequeninos” (Mt 25:45), nas palavras de Tiago, é não fazer *o bem*. Semanticamente falando, o objeto direto do verbo *fazer* de Mt 25:45 encontra-se no verso anterior: “quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos?”. Assim, de maneira mais estrita, fazer o bem é saciar a fome, é mitigar a sede, é vestir o nu, é hospedar o estrangeiro, é visitar o enfermo e o preso.

Em toda a sua carta, Tiago está chamando a atenção para a prática da lei: o amor. Isto relembra as palavras do apóstolo João: “Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade” I Jo 3:18. Ninguém duvida de que praticar o bem, nestes termos, seja um consenso universal. Ao dizer: “Aquele, pois, que sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado”, Tiago não está admitindo que haja alguém que não saiba ser correto servir o faminto, o sedento, o nu, o estrangeiro, o enfermo e o preso; ao contrário, ele está enfatizando que não é correto deixar de fazer isto. Ao mesmo tempo, apela à sensibilidade social daqueles que sabem o que devem fazer, mas *não estão fazendo*.

VISÃO ESPIRITUAL

Mateus 6:19-21	Tiago 5:2-4
<p>¹⁹Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; ²⁰Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam. ²¹Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.</p>	<p>²As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão comidas de traça. ³O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. ⁴Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama; e os clamores dos que ceifaram entraram nos ouvidos do Senhor dos exércitos.</p>

Não é necessário muito esforço a fim de perceber que o texto de Tiago, acima, é uma reminiscência das palavras de Jesus registradas em Mateus 6:19-21: não somente o tema, mas a própria escolha das palavras demonstram que Tiago está relembrando um princípio crucial do cristianismo – princípio este que nos protege do materialismo sórdido, da ambição ignóbil e do apego exacerbado às coisas em detrimento das pessoas. Sempre que este princípio foi infringido, o cristianismo foi mal interpretado, como se pode perceber nas palavras de Nietzsche (apud Yancey, 2004, p. 147): “seus discípulos têm de parecer mais salvos para que eu creia em seu salvador”. Por sua vez, Nowen (apud Shaw, 2005, p. 71) nos lembra de que, mesmo dentro do cristianismo, houve pessoas que se apropriaram do nome de Jesus em benefício de uma causa particular:

Uma das maiores ironias da história da cristandade é que os líderes sempre cederam à tentação do poder – poder político, poder militar, poder econômico ou moral e poder espiritual –, embora continuassem a falar no nome de Jesus.

O princípio mencionado no parágrafo anterior pode muito bem ser explicado a partir das palavras de Lewis (apud Yancey, 2004, p. 265), ao comentar que tudo que vemos na terra representa “somente a fragrância

de uma flor que não encontramos, o eco de uma música que não ouvimos, as notícias de um país que ainda não visitamos”.

Em seu dia a dia, Jesus se deparava com pessoas a quem a efemeridade da vida passava despercebida. Uma a quem sempre fazemos referência, quando o assunto é materialismo, é o jovem rico, cuja história é contada em Mateus 19. O clímax do diálogo entre os dois é alcançado no verso 21: “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me”. Mais uma vez aparece a expressão “tesouro no céu”, como em Mt 6:20; no entanto, para o jovem rico, Jesus impõe a condição: “se queres ser perfeito[...], vende tudo”. A condição pode parecer exorbitante, mas as palavras de Mt 6:21 a coloca em seu devido lugar: “Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”. Jesus não está advertindo o rapaz pelo fato de ele ter riquezas, mas pelo fato de as riquezas o terem; não é por ser dono de tantos bens, mas por ser escravo deles.

Yancey (op. cit., p. 81) nos lembra de uma frase famosa de Oscar Wilde: “neste mundo existem somente duas tragédias. Uma é não conseguir o que se deseja, e a outra é conseguir”. Parece que esta foi a tragédia do jovem. O relato seguinte nos mostra que ele “retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades” (v. 21). Percebe-se um sabor de ironia nestas palavras. Não é comum ver por aí pessoas tristes porque possuem muitas propriedades. Nem é este o caso nesta narrativa. Ele não estava triste porque possuía muitas riquezas, mas porque não estava disposto a alcançar o ideal proposto por Jesus em detrimento delas.

Retornando à correspondência entre Mateus e Tiago, observa-se que, enquanto as palavras de Jesus registradas em Mateus assumem a configuração de uma parênese, com a fórmula: *não faça isto, mas isto, por causa disto*, as palavras de Tiago se apresentam com certo tom de denúncia. Estes vieses podem ser mais bem visualizados a partir do quadro abaixo:

FÓRMULA	Mateus 6:19-21
Não faça isto	“Não ajunteis tesouros na terra [...]” – v. 19
Mas isto	“Mas ajuntai tesouros no céu [...]” – v. 20
Por causa disto	“Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” – v. 21.

Não é difícil notar que *terra* (v. 19) e *céu* (v. 20) estão em oposição, e que, assim, a intenção por trás do uso da palavra *onde* (v. 21) se torna muito clara. É como se subjacente ao verso 21 houvesse o seguinte questionamento: “Onde está o vosso tesouro, na terra ou no céu?”. Os argumentos de Jesus buscam conduzir a mente dos ouvintes às vantagens das coisas espirituais. Na terra, a traça e a ferrugem tudo consomem, e os ladrões minam e roubam; no céu, *nem* a traça *nem* a ferrugem consomem, e os ladrões *não* minam *nem* roubam. As quatro palavras de valor negativo – *nem*, *nem*, *não* e *nem* – demonstram o interesse de enfatizar o quanto são incorruptíveis os tesouros celestiais, e o quanto vale a pena colocar o coração neles. Tiago compartilha este pensamento, mas a sua voz, conforme já foi mencionado, possui um tom de ameaça contra aqueles que fizeram da riqueza um deus. Cevallos (2006, p. 275) perspicazmente percebe que “o rico interpretou mal o sentido das riquezas: [...] dar de comer ao faminto, dar roupa ao nu, sustentar a vida [...]”. Nesse sentido, o texto de Tiago apresenta uma mordaz inversão de valores: estima-se aquilo que é perecível e rejeita-se aquilo que é perene.

Retornando às palavras de Lewis, muitos prescindem do “tesouro no céu” pelo fato de, por ora, ele representar “somente a fragrância de uma flor que não encontramos, o eco de uma música que não ouvimos, as notícias de um país que ainda não visitamos”; e isto não se vê pelas lentes do materialismo: isto requer visão espiritual.

ESPERANÇA

Mateus 24:31-32	Tiago 5:7-9
<p>³¹E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. ³²Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão.</p>	<p>⁷Sede pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba a chuva temporã e serôdia. ⁸ Sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações; porque já a vinda do Senhor está próxima. ⁹ Irmãos, não vos queixeis uns contra os outros, para que não sejais condenados. Eis que o juiz está à porta.</p>

Mills (1997, disponível em Logos Bible Software) argumenta que os versos anteriores a Tg 5:7 não configuram necessariamente uma mensagem de advertência aos destinatários da carta, i.e., judeus cristãos (1:1). A advertência é contra aqueles que, ao reter o salário dos trabalhadores (v.3), infligiram alguma espécie de sofrimento aos cristãos. A linguagem é escatológica e com alusões a uma cena de juízo final, e.g., o v. 3 fala de pessoas cujas carnes serão *consumidas pelo fogo* e que entesouraram para *os últimos dias*; esta parece ser a sentença. Os v. 5 e 6 anunciam o crime cometido por elas: “deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia de matança. Condenastes e matastes o justo; ele não vos resistiu.” Portanto, este grupo é acusado de viver somente para o aqui e o agora, passando por cima de qualquer coisa ou pessoa a fim de alcançar os seus objetivos. A expressão “entesourastes para os últimos dias” se apresenta como uma ironia, visto que relembra “tesouros na terra”. Em outras palavras, acumular tesouros na terra é acumular para os últimos dias. Obviamente, conforme observa Mills, estes *juízos* não se aplicam aos cristãos.

Desse modo, o assunto introduzido no v.7 se apresenta como uma mensagem de esperança destinada aos cristãos. A palavra *irmãos* (v.7) deixa claro a quem se destina esta seção; e a palavra *pois* (v.7) conecta

o que vai ser dito (v. 7-9) com o que foi dito (v. 1-6). A base para esta esperança se encontra na *parusia* – a vinda do Senhor (v.7).

A fim de demonstrar a necessidade da espera, Tiago propõe no v.7 uma espécie de parábola cujo personagem se apresenta na figura de um lavrador que *espera* o precioso fruto da terra. Não há nada que o lavrador possa fazer para que o fruto se antecipe; tudo que ele tem a fazer, além de lançar a semente, é esperar.

Alguns podem ver a espera não mais do que como um período de extrema ansiedade, outros a veem como “um período de aprendizagem. Quanto mais esperamos, mais ouvimos falar sobre quem estamos esperando.” (NOWEN apud Shaw, 2005, p. 71). É nesse sentido que Tiago apela aos seus leitores: “sede vós também pacientes, fortalecei os vossos corações”, e continua, mostrando que possui uma mensagem eminente sobre um evento iminente: “porque já a vinda do Senhor está próxima” (v. 8). Esta é a razão para a paciência. A propósito, a própria paciência é comum de quem espera.

As expressões “porque já a vinda do Senhor está próxima” (Tg 5:8) e “eis que o juiz está à porta” (Tg 5:9) se apresentam em tom de urgência, e estão em consonância com “sabeis que está próximo o verão” (Mt 24:32). Jesus também propôs uma parábola a fim de explicar a brevidade da *parusia*, a qual se tornou para os discípulos a fonte de suas mais acalentadas esperanças. Eles viam ao seu redor um estado atual de coisas que lhes causavam grandes perplexidades, mas se mantiveram firmes, porque tinham algo por que esperar, ainda que intangível. Não obstante, de outro modo não seria esperança, conforme esclarecem as palavras de Paulo: “Ora a esperança que se vê não é esperança; porque o que alguém vê como o esperará? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o esperamos”. Rm 8:24-25.

AÇÃO EVANGELIZADORA

Mateus 28:19-20	Tiago 5:19-20
¹⁹ Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ²⁰ Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.	¹⁹ Irmãos, se algum dentre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, ²⁰ Saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma, e cobrirá uma multidão de pecados.

Tiago termina sua carta da mesma forma como Jesus encerrou seu ministério, de acordo com o relato dos evangelhos sinóticos: com uma convocação para uma ação evangelizadora; assim, mais uma vez Tiago traz à lembrança uma mensagem de Jesus registrada em Mateus, ao evocar a Grande Comissão.

O vocativo *irmãos*, v. 19, demonstra que Tiago está se dirigindo a um grupo de pessoas que está em comunhão com a igreja, muito embora a sentença condicional “se algum dentre vós se tem desviado da verdade” deixe claro que a sua preocupação se concentra exatamente nos indivíduos que, eventualmente deixado a igreja. Estes devem ser objeto do zelo evangelístico dos *irmãos*. Loh & Hatton (1997, p. 196) explicam que “o verbo traduzido por ‘se tem desviado’ não deveria sugerir que distanciar-se da verdade seja algo acidental. Isto é uma metáfora, comparando a vida a uma estrada que o crente segue.” A metáfora se confirma no v. 20, quando Tiago usa uma nova metáfora: *caminho*, que é do mesmo campo semântico. A palavra “erro”, v. 20, vem de *πλάνης*, e tem a mesma raiz da forma verbal “se tem desviado” (*πλανηθῆ*). Isto confirma o pensamento de que ao afastar-se, o pecador o fez deliberadamente. Assim, estas metáforas evidenciam que tipo de atitude Tiago espera ver dos “irmãos”: um interesse profundo mesmo por pessoas que, nas palavras de Loh & Hatton (1997, p. 197), afastaram-se não por “um abandono inconsciente da verdade mas pela rejeição da vontade de Deus”. Mais do que isto,

Mills (1997, disponível em Logos Bible Software) comenta que “cobrir pecados” (final do verso 20) é uma expressão judaica frequentemente encontrada no Antigo Testamento, o qual indica perdão.

Destarte, a ação evangelizadora que Tiago pretendia ver na comunidade eclesial para quem escrevia é a própria antítese do ato de julgar – ato que ele condena veementemente ao longo de sua carta –, conforme expressa Carson (1994, disponível em Logos Bible Software), “em vez de condenação, restauração é o objetivo. Isto é o que Tiago espera que aconteça”.

Num sentido mais superficial, não há uma correspondência exata entre Tg 5:19-20 e Mt 28:19-20, visto que enquanto Jesus está falando de um discipulado que se estende ao mundo inteiro: “fazei discípulos de **todas as nações**²³”, Tiago está falando de um trabalho local. No entanto, partir dos problemas tratados na carta – acepção de pessoas, ato de julgar, intrigas, interesses egoístas, materialismo, falsidade, enfim, falta de amor recíproco –, não é necessário esforço a fim de concluir que muito provavelmente havia muitos membros afastados da comunidade, afinal, é difícil suportar uma atmosfera como esta. Ademais, enquanto Jesus comissionou os discípulos a alcançarem pessoas que não o conheciam, Tiago anima os fieis a reconquistar os que já conheciam a pregação dos apóstolos (Tg 1:1). Num sentido mais profundo, porém, tanto na Grande Comissão quanto na exortação de Tiago, pode-se identificar o mesmo princípio: uma ação evangelizadora que olha para o outro com despretenso interesse.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado no corpo deste trabalho, discutiu-se a relação entre o evangelho de Mateus e a carta universal de Tiago, cujos temas são um campo fértil para debate. Tiago nos lembra constantemente

²³ Grifos acrescentados

da necessidade de desenvolver as virtudes que nos identificam cristãos; exorta-nos a manter um falar simples e modesto, a viver uma vida piedosa, a atender as necessidades tanto físicas quanto espirituais nossas e dos que nos cercam, demonstrando preocupação com o bem-estar do outro; enfim, encoraja-nos à prática das boas obras, como evidência do amor que dirige as nossas intenções.

Obviamente, para que isto seja possível, é necessário o desenvolvimento de valores como paciência, altruísmo, misericórdia, autenticidade, empatia, credulidade, sensibilidade ao dever, visão espiritual – em oposição ao materialismo – e uma ação evangelizadora. Como pôde perceber o leitor atento, dos valores cristãos discutidos neste trabalho, três não foram mencionados neste parágrafo. Isto foi feito intencionalmente a fim de destacar aquilo que tão bem expressou o apóstolo Paulo, apontando que todos estes valores podem ser resumidos em três, conforme se pode inferir a partir do comentário: “agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três, mas o maior destes é o amor”. 1 Co 13:8. Aí está o cerne do Evangelho: a fé, a esperança e o Amor.

Para concluir, resta dizer que, talvez não seja exagero declarar que, em Tiago, encontramos uma síntese da mensagem dos evangelhos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA sagrada. ed. corr. fiel. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.

ALLAN, Kurt et. al. (Eds). **The Greek New Testament**. Nördlinger: United Bible Societies, 2001.

BALZ, H. R. & SCHNEIDER, G. **Exegetical dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

BARTON, B. B., et al. **Matthew**. In: OSBORNE, G. & COMFORT, P. (Eds). Life Application Bible Commentary. Wheaton: Tyndale House Publishers, 1996.

BARTON, J., & MUDDIMAN, J. Oxford Bible Commentary. New York: Oxford University Press, 2001.

CARRO, D., POE, J. T., ZORZOLI, R. O. **Comentario bíblico mundo hispano**: Mateo. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 1997.

CARSON, D. A. **New bible commentary**: 21st century edition. 3 ed. Leicester, England; Downers Grove, Ill., USA: Inter-Varsity Press, 1994.

CEVALLOS, J. C. **Comentário bíblico mundo hispano**: Hebreus, Santiago, 1 y 2 Pedro, Judas. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 2006, Tomo 23.

CHOUINARD, L. Matthew. In: COTTREL, J. & ASH, T. (Eds). **The College press NIV commentary**. Missouri: College Press, 1997.

CARTER, W. **Matthew and the margins**: A sociopolitical and Religious Reading. Sheffield, England: Sheffield Academic Press, 2000.

DAVIDS, P. H. **The epistle of James**: a commentary on the greek text. Michigan: Eerdmans, 1982.

DAVIES, W. D., & ALLISON, D. C. **a critical and exegetical commentary on the gospel according to saint Matthew**. London; New York: T&T Clarck International, 2004.

DIBELIUS, M., & GREEVEN, H. A commentary on the epistle of James. In: GREEVEN, H. (Ed). **Hermeneia**: a critical and historical commentary on the Bible. Philadelphia: Fortress Press, 1976.

FERREIRA, A. B. de Holanda. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FRIBERG, T., FRIBERG, B., MILLER, N. F. **Analytical lexicon of the greek New Testament**. Vol 4. Michigan: Baker Books, 2000.

GARDNER, R. B. Matthew. In: HOWARD, H. C. **Believers church bible commentary**. Scottdale, Pa: Herald Press, 1991.

HAGNER, D. A. Matthew 1-13. In: MARTIN, R. P. **Word biblical commentary**. Dallas: Word, 2002. Vol 33A.

HANNA, R. **Ayuda gramatical para el estudio del Nuevo Testamento griego**. El Paso, Texas: Editorial Mundo Hispano, 1993.

HENDRIKSEN, W. **New Testament commentary**: exposition of the gospel according to Matthew. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1973.

HINDSON, E. E. & KROLL, W. M. (Eds). **KJV bible commentary**. Nashville: Thomas Nelson, 1997.

HOLLOWAY, G. James & Jude. In: COTTREL, J. & ASH, T. (Eds). **The**

- College press NIV commentary.** Missouri: College Press, 1996.
- HUGHES, R. K. **James: faith that works.** Wheaton: Crossway Books, 1991.
- KEENER, C. S. **Matthew.** In: OSBORNE, G. R. (Ed). The IVP New Testament commentary series. Downers Grove: Intervarsity Press, 1997.
- LANGE, J. P., VAN OOSTERZEE, J. J., & MOMBERT, J. I. **The epistle general of James.** Bellingham, WA: Logos Research Systems, Inc., 2008.
- LIDDEL, H. G. & SCOTT, R. **Greek-english lexicon.** Oxford: Clarendon Press, 1949.
- LOH, I., & HATTON, H. **A handbook on the letter from James.** New York: United Bible Societies, 1997,
- MacARTHUR, J. **James.** Chicago, U.S.A.: Moody Press, 1998.
- MARTIN, R. P. James. In: METZGER, B. M; HUBBARD, D. A; BARKER, G. W (Eds). **Word biblical vommentary.** Dallas: Word, 2002. V. 48.
- MILLS, M. James: **A study guide to the epistle of James.** Dallas: 3E Ministries, 1997.
- MOO, D. J. **The letter of James.** The Pillar New Testament Commentary. Rapids. Richardo, Eerdmans, 2000, p. (ver página), 70.
- LIDDELL, H. G., SCOTT, R., JONES, H. S., MCKENZIE, R. **A greek-english lexicon.** New York: Clarendon., Oxford: University Press, 1996.
- LUZ, U. A Commentary on Matthew 21-28. In: KOESTER, Helmut. **Hermeneia: a critical and historical commentary on the Bible.** Minneapolis: Fortress Press, 2005.
- PORTER, R. **Estudios bíblicos ELA: cuando aumenta la presión.** Puebla, Pue., México: Ediciones Las Américas, 2003.
- PEREIRA, Isidro. **Dicionário grego-português e português-grego.** 8. ed. Largo das Teresinhas: Apostolado da Imprensa, 2006.
- RICHARDSON, K. A. James. In: CLENDENEN, E. R., MATHEWS, K. A., DOCKERY, D. S. **The new american commentary.** Nashville: Broadman & Holman Publishers, 2001. V. 36.
- ROPES, J. H. **A critical and exegetical commentary on the epistle of St. James.** New York: C. Scribner's sons, 1916.
- SHAW, Luci. A escalada para Deus. In: YANCEY, P., & CHAAP, J. C. (orgs.). **Muito mais que palavras: como os mestres da literatura**

influenciaram escritores cristãos. São Paulo: Vida, 2005. p. 58-76.

SLOMAN, A., WESTCOTT, B. F., & HORT, F. J. A. **The gospel according to St Matthew**: Being the Greek Text. London: Macmillan, 1912.

STULAG, G. M. James. In: OSBORNE, G. R. (Ed). **The IVP New Testament commentary series**. Downers Grove, USA: InterVarsity Press, 1993.

YANCEY, Phillip. **Decepcionado com Deus**. 11 ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.